

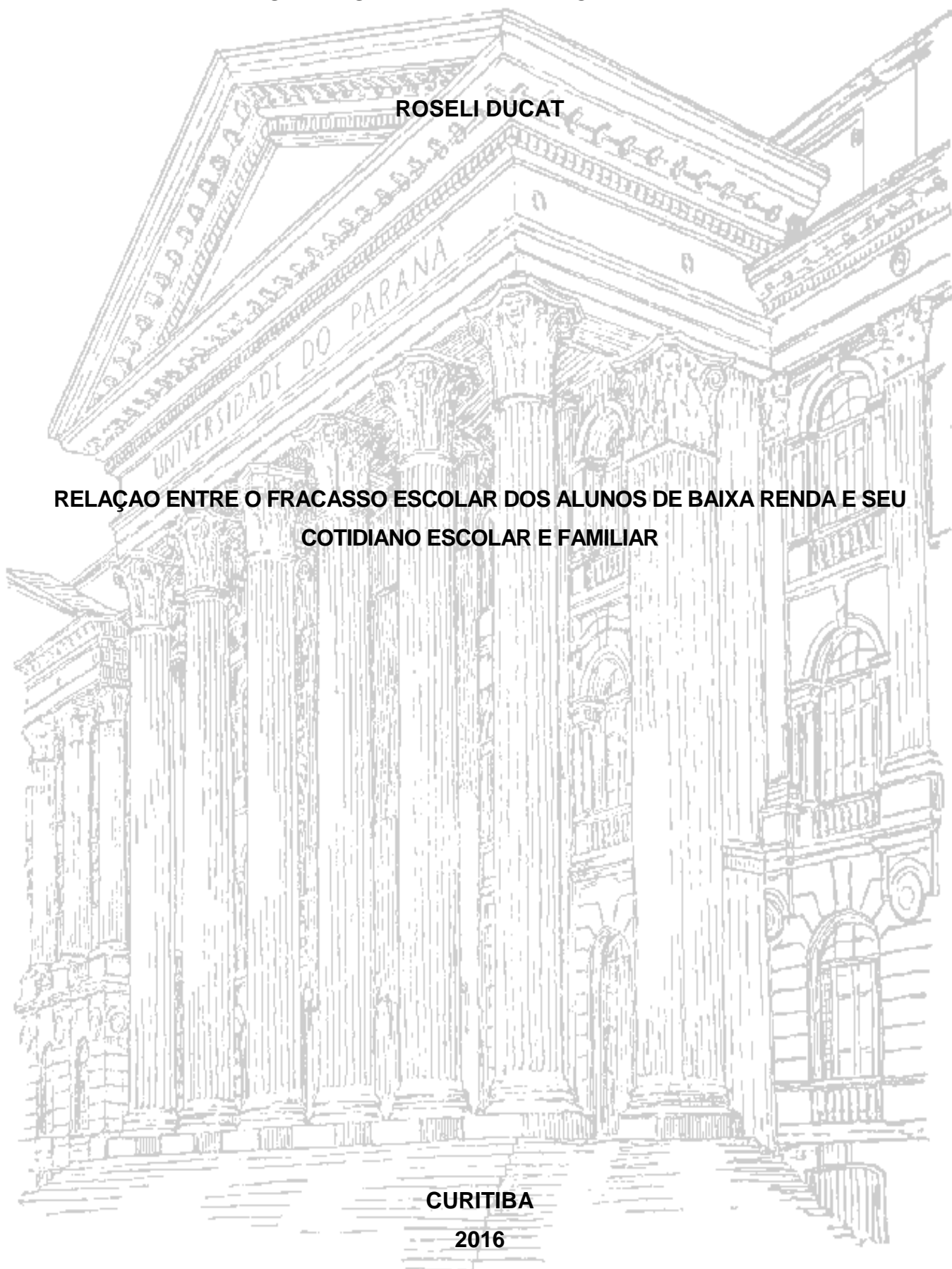
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSELI DUCAT

**RELAÇÃO ENTRE O FRACASSO ESCOLAR DOS ALUNOS DE BAIXA RENDA E SEU
COTIDIANO ESCOLAR E FAMILIAR**

CURITIBA

2016



ROSELI DUCAT

**RELAÇÃO ENTRE O FRACASSO ESCOLAR DOS ALUNOS DE BAIXA RENDA E O
SEU COTIDIANO ESCOLAR E FAMILIAR**

Artigo elaborado por Roseli Terezinha Ducat
apresentado à coordenação do curso de
Especialização Educação, Pobreza e
Desigualdade Social da Universidade Federal do
Paraná.

Orientador: João Paulo de Souza da Silva

CURITIBA

2016

Relação entre o fracasso escolar dos alunos pobres e o desinteresse familiar

Roseli Ducat

RESUMO

O artigo apresenta as relações entre o fracasso escolar de alunos oriundos de camadas populares, as representações traçadas por seus professores e o desinteresse familiar. Compreende-se que as condições materiais dos alunos são fator fundamental no sucesso ou insucesso escolar, todavia, não é o único fator. Os alunos ao vivenciarem relações positivas, tendem a se sentir mais confortáveis e seguros face às relações escolares e aos conhecimentos do mundo escolar, ao passo que relações negativas podem contribuir para o desenvolvimento de atitudes de rejeição em relação à escola, acarretando assim uma desvalorização pessoal e baixo rendimento relacionado à aprendizagem cognitiva, social ou emocional. De acordo com o exposto, as representações desenvolvidas pelos estudantes ao longo de suas trajetórias escolares podem vir a interferir em seu processo de aprendizagem. Deste modo, compreende-se que esse movimento de formação de representações seja relevante para o processo de ensino e aprendizagem. O trabalho tem caráter bibliográfico e empregou também documentação acerca da condição escolar de estudantes.

Palavras-chave: Desigualdade, fracasso escolar, desinteresse.

1 INTRODUÇÃO

O termo Fracasso escolar é difícil de ser definido e compreendido por se tratar de um fenômeno que não é natural, mas resultado das condições de interação entre a proposta de ensino, a assimilação do aprendizado por parte dos alunos, os modelos de ensino e de avaliação, além do contexto escolar e familiar” (Giúdice, 2009). O fracasso escolar é entendido como um desajuste produzido em algum ponto do sistema educativo, exemplos: na formação do docente, na exigência dos conteúdos, na fragmentação curricular ou, ainda, nas possibilidades oferecidas aos alunos para o aprendizado.

Entende-se por insucesso escolar, a impossibilidade dos alunos atingirem as metas pré-fixadas na organização e desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem, e dentro dos limites temporais previstos. (Martins e Cabrita 1991).

O insucesso escolar nos leva a refletir e principalmente a buscar culpados por ele. A família questiona a escola por ser ela a responsável pelo ensino. A escola questiona a família pelo fato de que, se alguns conseguem aprender, o problema dos malsucedidos só pode vir de fora. O problema não está separadamente em nenhum dos lados, mas considerando que boa parte dos alunos passa diariamente muito mais tempo fora da escola do que dentro dela nos faz pensar sobre como a família encaminha as atividades propostas na escola para serem realizadas em casa. É sabido que em muitos casos os pais não tem condições de auxiliar seus filhos nas atividades, seja por falta de conhecimento ou mesmo falta de tempo como é o caso de muitas famílias compostas somente por mães e filhos e estas mães quando chegam em casa do trabalho precisam dar conta de sua jornada dupla. Infelizmente o que podemos observar de início é que o fracasso escolar é muito mais evidente em crianças advindas das classes menos favorecidas economicamente. O que esse trabalho de pesquisa busca responder é justamente isso, a relação entre o fracasso escolar das crianças pobres e o desinteresse familiar com a educação escolar. Não estamos aqui afirmando que o desinteresse familiar em todos os casos seja fruto da má vontade. Existem casos, como relatamos acima, cujas razões independem da vontade dos pais.

Parolin (2008) sintetiza que os familiares devem ter uma participação ativa na educação das crianças e adolescentes, envolvendo-se nas decisões e em ações voluntárias. É preciso que cada instituição, conjuntamente com os pais, encontre formas próprias de relacionamento que façam parte da realidade da família, alunos e equipe pedagógica, com a finalidade de transformar o espaço físico e psicológico em intervenção de envolvimento para o bem da aprendizagem do aluno.

Atualmente existe uma grande cobrança feita aos professores por parte dos governos e da sociedade quanto ao baixo rendimento escolar. Muitas vezes o professor é culpabilizado por essa situação quando não se leva em conta as condições em que vivem os educandos. A pesquisa pretende levantar dados e conhecer de perto a realidade social desses alunos, onde vivem, como vivem, que incentivos recebem, qual a valorização que suas famílias atribuem a educação escolar. Buscar essas respostas nos fará compreender melhor as razões que levam

ao insucesso escolar tantas crianças pertencentes as classes mais pobres e nos ajudará, enquanto sociedade, a buscar alternativas educacionais que permitam, se não resolver totalmente, mas amenizar essa situação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

São variadas as razões que podem levar o estudante a encontrar dificuldades em seu processo de aprendizagem, as quais podem ser de cunho genético, emocional e/ou social.

O fracasso escolar de extrema importância e que demanda atenção não apenas dos professores ou pais, mas de toda comunidade escolar. Cabe salientar que normalmente o fracasso escolar está atrelado a questões como: reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar. Contudo, para além do senso comum acerca dos estudantes em condição de fracasso escolar, faz necessário despertar um olhar sensível sobre o tema, desconstruindo conceitos acumulados e rompendo com concepções arraigadas no imaginário escolar. (MADALÓZ; SCALABRIN; JAPPE, 2012, p.1)

Lembramos que as experiências de sucesso e fracasso são comuns à todos os seres humanos, independente de suas condições. Porém, a palavra fracasso traz consigo o significado de algo desagradável e indesejável. Mesclando-se ao termo “escolar” toma uma dimensão significativa, por tratar-se de um efeito não desejado para um ser humano que encontra-se ainda em seu processo de formação. Ademais, os educandos percorrem um longo caminho de 200 dias letivos e 800 horas a cada série/ano visando o sucesso em todas as disciplinas do currículo escolar e garantir sua aprovação. Muitas vezes não se chega ao destino e em tantas outras, o percurso é interrompido no meio do caminho. (MADALÓZ; SCALABRIN; JAPPE, 2012, p.2)

Para Marchesi e Pérez (2004, p 17), estabelecem ideias que, norteiam questões sobre o fracasso escolar: ao aluno “fracassado” é atribuída a responsabilidade pelo seu insucesso, tratando-o como aquele que não progrediu nem no âmbito de seus conhecimentos, nem do seu desenvolvimento pessoal e social; outra possibilidade indica que o problema central reside no fato de que o termo “fracassado” qualifica uma imagem negativa do aluno, afetando sua

autoestima e sua confiança, por todo seu percurso escolar e por último a concepção de que o problema do insucesso escolar está ligado a outros agentes e instituições, como as condições sociais, a família, o sistema educacional ou a própria escola

Para SCOZ (1994, p. 81), a pobreza dos alunos aparece com o forte determinante dos problemas de aprendizagem, todavia ressalta que sem querer negar que grande parte do fracasso de alguns alunos pode estar relacionada à pobreza material às que estão submetidos, é importante estar atento para que a baixa renda das famílias não seja utilizada como justificativa para o insucesso escolar das crianças, eximindo a escola, sua organização didático/ pedagógica, seus agentes e suas condições internas de qualquer responsabilidade.

Tomando a noção de que a imagem negativa do aluno pode influenciar sua trajetória escolar, conforme Osti e Brenneli (2013), as representações podem promover ou até mesmo impedir o avanço cognitivo, visto que crianças com dificuldades de aprendizagem não apresentam apenas a dificuldade específica, mas trazem consigo sentimentos como insegurança, baixa estima, medo, dentre outras variáveis que também interferem no seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, para Marchesi e Pérez,

[...] é preciso que os alunos com maior risco de fracasso escolar tenham “experiência de êxito escolar” [...] a história escolar dos alunos que não terminam a educação obrigatória ou a abandonam prematuramente está cheia de experiências frustrantes, de falta de confiança, de experiências negativas, de baixa autoestima, de sensação de impossibilidade, de antecipação do próprio fracasso. É preciso romper essa dinâmica e propiciar que o aluno tenha experiências positivas que melhorem sua autoestima e que o revigorem para manter o esforço em tarefas posteriores. Para isso, é necessário que o professor ajuste a tarefa às possibilidades de cada um e mantenha expectativas positivas para a aprendizagem de todos os seus alunos (2004, p. 32).

Ao longo dos anos os alunos vivenciam relações positivas ou negativas no ambiente escolar. Quando positivas, tendem a se sentir mais confortáveis e seguros, ao passo que as relações negativas podem contribuir para o desenvolvimento de atitudes de rejeição em relação à escola, acarretando assim uma desvalorização pessoal e baixo rendimento relacionado à aprendizagem cognitiva, social ou emocional. O aluno pode generalizar o resultado ruim a outros desempenhos, atribuindo a si o fracasso, o que leva a refletir sobre a importância das relações

vinculares entre alunos e professores ao longo do processo escolar (OSTI; BRENNELI, 2013).

López (2009) relata que as famílias precisam contribuir com a escola, devendo mostrar-se interessadas pelos deveres de seus filhos, conversando com professores para ter informação constante sobre o processo educativo concretizado na instituição escolar, dando a cooperação solicitada para tornar mais eficaz a ação escolar e, também, respeitar os conhecimentos e as habilidades que a instituição proporciona.

Para Charlot (2005), o fracasso escolar não existe, o que existe são alunos que apresentam dificuldades para aprender, são situações de dificuldade. O debate em torno do fracasso escolar está mais centrado nas classes menos favorecidas, em função do nível socioeconômico em que vivem, pelas condições de moradia, saúde, alimentação, enfim, pela falta de estrutura que os desassiste.

Mesmo quando consideramos o insucesso entre alunos de classes sociais mais favorecidas existe uma “proteção” da trajetória escolar do estudante com vistas a não perpetuar a condição de insucesso.

3 METODOLOGIA

Na realização desse trabalho foi utilizado o sistema qualitativo através de pesquisa bibliográfica. Foram consultadas várias literaturas relativas ao assunto em estudo e artigos publicados na internet possibilitando que este trabalho tomasse forma para ser fundamentado. O trabalho seguiu os preceitos de estudo exploratório que permitiu novos conhecimentos do tema através de diferentes enfoques e abordagens. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados das pesquisas desenvolvidas por Osti e Brenneli evidenciam o desejo dos alunos em ter um bom relacionamento com seu professor assim como em ser valorizados por ele, em suas palavras (OSTI; BRENNELI, 2013):

Muitas vezes os alunos acreditam que estão sendo deixados de lado pelos professores ou simplesmente que não são queridos por eles. Esses sentimentos provocam na criança um sentimento de não pertencimento àquele grupo da sua sala de aula e acabam desmotivando ainda mais sua aprendizagem.

É muito importante que os professores, sempre que percebam essa carência em seus alunos, procurem trazê-los para mais perto chamando-os para realizar as atividades na lousa, elogiando seu caderno e os progressos que ele alcança no decorrer das aulas. Jamais o professor poderá desqualificar o aluno, chamando-o de “burro” ou mesmo mencionando que ele não consegue aprender porque apresenta problemas cerebrais, quando ele não consegue realizar uma tarefa. Está comprovado que quanto maior a nossa autoestima, mais estamos capacitados para superar os obstáculos que nos são apresentados, e isso também vale para os alunos na sala de aula.

Segundo a mesma pesquisa de Osti e Brenneli (2013), a maior parte dos alunos (80%) acredita ser percebida por seu professor como mau aluno. Os estudantes atribuem essa representação tendo por base o discurso de seus professores em relação a eles, conforme citados:

"fala que eu tenho capacidade e não aprendo porque não quero"

"fala que eu não aprendo porque sou um aluno ruim";

"a professora pensa que eu não presto atenção";

"a professora fala que eu sou briguento";

"fala que eu não tenho capacidade para aprender";

As frases citadas acima demonstram o pensamento de muitos alunos em relação ao seu rendimento escolar e aos seus professores. Muitas vezes os alunos se sentem impotentes devido aos rótulos que vão acumulando no decorrer de sua vida escolar. E são esses rótulos que acabam os moldando. Por que prestar atenção se não tenho capacidade ou não quero aprender?

Segundo a mesma pesquisa (OSTI; BRENNELI, 2013) apenas 15% dos alunos entrevistados consideram-se bons alunos. Essa categoria é descrita, por esse grupo, como aqueles que demonstram interesse pelo que é ensinado, realizam as tarefas sem dificuldades, participam das atividades em sala e correspondem integralmente a todos os requisitos exigidos pela série.

Os dados remetem diretamente às representações sociais construídas no espaço da sala de aula, pois implicam na forma como o aluno representa seu percurso escolar e a si mesmo. Se o aluno vivencia uma experiência de sucesso, constrói uma representação positiva de si e do ambiente de ensino, ao contrário, se vivencia uma experiência de fracasso, constrói uma representação negativa. A maior parte dos alunos, ao falar sobre sua relação com seu professor, afirma ser ignorado e se sentir excluído. Entende-se esse dado como um distanciamento desse grupo com o aprender, pois esses estudantes não conseguem se vincular os conteúdos – porque apresentam dificuldades –, nem com seu professor, em razão da sua própria conduta.

Sabemos que a educação escolar não se dá apenas no ambiente da escola, pelo contrário, ele se completa e complementa no ambiente familiar. Muitas vezes o fracasso escolar também está associado a falta de apoio e incentivo que os alunos recebem em seus lares. Infelizmente, existem casos nos quais o aluno não só não recebe apoio familiar, como também é orientado pelos seus responsáveis a abandonar os estudos e entrar logo no mercado de trabalho para auxiliar com as despesas familiares. Talvez essa situação pudesse ser revertida se houvesse por parte dos governos políticas públicas que investissem de fato na educação como a criação de bolsas ou o investimento em escolas integrais.

Lopez (2009, p. 78) comenta que “os pais devem ter um papel ativo na educação escolar, pois os mesmos não podem abdicar de sua responsabilidade de educadores dos filhos”.

Sabendo a importância da família no processo ensino-aprendizagem podemos indagar se o acompanhamento familiar está ocorrendo, e se não está, quais as possíveis razões para isso.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) em seus artigos 4º e 55 determina:

Art. 4º: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Art. 55: Os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Em muitos casos ocorre negligência dos pais no que diz respeito a sua responsabilidade na vida escolar dos filhos. Essa ausência familiar pode ter papel significativo nos desajustes do processo ensino aprendizagem. O aluno procedente de uma classe social mais desfavorecida tem sido citado como exemplo na tentativa de justificar o mau desempenho na escola. Os baixos salários dos pais, o ambiente em que convive em meio a pessoas que abandonaram a escola ainda jovens, a proximidade com drogas e álcool, levam ao conceito de que as desigualdades sociais são, em caráter definitivo, considerados como as causas do insucesso na escola (FERNANDES, 2007). Com rendimentos mensais por vezes inferiores a um salário mínimo, essas famílias acabam sendo privadas do essencial para sobrevivência. Se lhes falta até o suficiente para alimentar-se dignamente, como poderão investir em livros, ferramentas pedagógicas ou mesmo em cultura e lazer?

Vivemos em uma sociedade capitalista onde cada vez mais as crianças, os adolescentes e os jovens são incentivados ao consumo. Esse incentivo não atinge apenas aos que pertencem as classes mais favorecidas, atinge a todos, ricos e pobres. Esse apelo consumista, que não pode ser concretizado principalmente entre os menos favorecidos, acaba por levá-los ao desânimo, a revolta, e os aproxima daquilo que acreditam os faz esquecer a realidade, ou fugir dela, as drogas lícitas e ilícitas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que as representações que os professores estabelecem de seus estudantes podem vir a interferir na prática educativa. Tomando como referência a dinâmica da sala de aula, é possível que esse movimento de formação de representações seja relevante para o processo de ensino e aprendizagem. É essencial reconhecer a afetividade do aluno como uma dimensão inseparável e indissociável da inteligência, promotora do desenvolvimento (OSTI; BRENNELI, 2013).

Por décadas, na ausência de um autêntico sentido público, a escola brasileira tinha uma clara finalidade socioeconômica: operar como um mecanismo de seletividade precoce capaz de dar legitimidade social para a ideologia da meritocracia individual. Assim a experiência escolar conferia aos poucos que a ela tinham acesso uma distinção social que frequentemente se revertia em privilégio econômico (CARVALHO, 2011).

O objetivo desse trabalho foi buscar a relação existente, se é que ela existe, entre o fracasso escolar e a família, levando em consideração a ausência dos pais na vida escolar do aluno, os problemas estruturais familiares e a relação deles com as dificuldades na aprendizagem. Sabemos que o fracasso escolar pode ser explicado de muitas formas, mas a falta de participação dos pais na vida escolar dos seus filhos é, sem dúvida, fator importante desse processo.

O Estado também tem suas responsabilidades como gestor do erário público. Investimentos em qualidade nos espaços físicos das escolas seriam medidas importantes que trariam maior interesse dos alunos em permanecer nesses espaços e conseqüentemente melhorar seus rendimentos.

Professores melhor preparados, com tempo suficiente para organizar suas aulas, com número menor de alunos em sala de aula e com maior atenção individual aos seus educandos, conseguiriam reverter o boa parte do persistente fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, José A. MORETTI, Lucia H. T. e BALTHAZAR, Maria C.. **Família e escola: um espaço interativo e de conflitos**. São Paulo: Arte e Ciência. 2006

CARVALHO, José S. F. de. **A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico.** Psicol. USP [online]. 2011, vol.22, n.3, pp.569-578. ISSN 0103-6564. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642011005000023>. Acesso em 12 out 2016.

CHARLOT, Bernard. **Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional.** In: PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2005.

BARROS, Patrícia. **Dificuldades de aprendizagem.** Disponível em: [http://www.infanciaeadolescencia.com.br/materiais/Dificuldades%20de%20aprendizagem%20jan%202010%20\[Modo%20de%20Compatibilidade\].pdf](http://www.infanciaeadolescencia.com.br/materiais/Dificuldades%20de%20aprendizagem%20jan%202010%20[Modo%20de%20Compatibilidade].pdf). Acesso em 12 out 2016.

FERNANDES (2007) IN <http://www.webartigos.com/artigos/as-relacoes-familia-escola-e-o-fracasso-escolar/131186/#ixzz4OahqEn2w> Acesso em 20 out 2016

FIALE, Luciana A.. **Fracasso escolar: família, escola e a contribuição da psicopedagogia.** Unifai [online] 2012. Disponível em: http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/18.pdf . Acesso em 12 out 2016.

GIÚDICE, M. D. **Quem fracassa com o fracasso escolar?.** In: Acervo Educarede. 2013. Disponível em: <http://acervoeducarede.wordpress.com/2013/05/21/quem-fracassa-com-o-fracasso-escolar/> . Acesso em: 30 Outubro de 2016.

LÓPEZ, I Sarramona. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz.** 2.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

MADALÓZ, Rodrigo J.. SCALABRIN, Ionara Soveral; JAPPE, Maira. **O fracasso escolar sob o olhar docente: alguns apontamentos.** Anais da Reunião da ANPED SUL 2012. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/04_16_10_945-7142-1-PB.pdf. Acesso em 12 out 2016.

MARCHESI, Álvaro; PÉREZ, Eva María. **A Compreensão do Fracasso Escolar.** In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández. **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural.** Porto Alegre: Artmed, 2004

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ª ed. p.43 e 44.

MARTINS, António Maria; CABRITA, Isabel- **A problemática do insucesso escolar** Universidade de Aveiro. 1991

NOGUEIRA, Marta G.. **Tarefa de casa. Uma violência consentida?** - São Paulo: Loyola. 2002.

OSTI, Andréia e BRENELLI, Rosely P.. **Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem.** Psico-USF [online]. 2013, vol.18, n.3, pp.417-426. ISSN 1413-8271. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000300008>. Acesso em 12 out 2016.

PAROLIN, Isabel. **Relação Família e Escola: Revista atividades e experiências.** Positivo, 2008.

SAYÃO, Rosely. **Família: Modos de usar.** Campinas,SP: Papirus. 2006.

SCOZ, Beatriz, **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** 6Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** São Paulo: Plano. 2001.

TOZONI-REIS, Maria F. C.. **Infância, escola e pobreza: ficção e realidade.** Autores Associados. 2002.